

8 • domingo, 4/9/94

## POLÍTICA E GOVERNO

Suruagy, Divaldo  
001  
Reportagem 0035Suruagy, Divaldo  
001  
Reportagem 0036

JORNAL DO BRASIL

*"Eu sabia que não podia dar certo porque o Fernando (Collor) não é de terminar nada"*

Divaldo Suruagy

■ Continuação da 1ª página

# Suruagy está eleito mas ainda caça votos

Favorito, com 80% nas pesquisas, o senador alagoano, tido como o "rei da conciliação", age como se a disputa fosse renhida

MACEIÓ — A certeza de Suruagy na vitória não se reflete no dia-a-dia de uma campanha de agenda aberta, como se a disputa fosse renhida. A explicação para o furor eleitoral que o faz percorrer num só dia 700 quilômetros de estradas em busca de apoio, ele mesmo dá: "Adoro fazer campanha. É como dizia Ulysses Guimarães: a gente come e bebe de graça, é paparicado e ainda é chamado de estatista".

Pois era a exata impressão que dava ao forasteiro a cena protagonizada por Suruagy e 500 prefeitos, vereadores, deputados, candidatos, cabos eleitorais, funcionários públicos ou simples admiradores, na quinta-feira passada no aeroporto de Maceió. Parecia que estava chegando ali uma autoridade constituida. Um governador talvez. Mas era apenas o senador que voltava de dois dias de viagem a Brasília, onde esteve para participar do esforço concentrado do Congresso. Suruagy levou 50 minutos para atravessar os 10 metros que separaram a sala de desembarque do local onde estava estacionado seu carro.

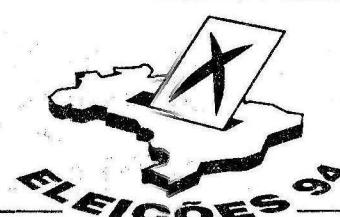
Fora as pesquisas, que retratam o apoio popular, Suruagy conseguiu reunir quase que todas as forças políticas do estado. Dos 100 prefeitos, tem o apoio declarado de 92. Exatamente o índice, 92%, de intenção de votos que recebeu numa pesquisa realizada entre os funcionários da Polícia Civil.

**Rei da conciliação** — Há cidades onde todas as correntes políticas estão com ele. Coruripe, por exemplo, tem cinco. Anadia, quatro. E nessas duas cidades, suas visitas são um verdadeiro exercício de conciliação: um café na casa do prefeito, almoço com o líder da oposição, um uísquino rápido junto ao líder comunitário mais importante, café com bolinhos na casa de outro e um prolongado jantar com o chefe da corrente contrária a todos eles.

"Suruagy é o rei da conciliação, é o candidato-vaselina", diz seu amigo há 35 anos, Nilton Oliveira. O que o amigo afirma, pode se escrever. Está registrado, aliás, na ata da convenção que aprovou uma coligação que junta PTB com PC do B, PMDB (partido de Suruagy) com PSDB. O PFL está na corrente contrária, mas como é o partido de seu amigo do peito Guilherme Palmeira, não é difícil imaginar como não está sendo nada fácil a vida de do adversário Pedro Vieira com seus aliados pefeletistas.

O candidato a deputado federal Benedito de Lira, por exemplo, impôs como condição para gravar o horário gratuito na produtora que presta serviço a Pedro Vieira pedir votos para Suruagy. Claro que não foi atendido, mas obteve seu direito de ir ao ar na Justiça. E a história da dança partidária nessa eleição em Alagoas bate no próprio Suruagy.

Pragmatico, não diz que votará em Orestes Quêrcia, mas também

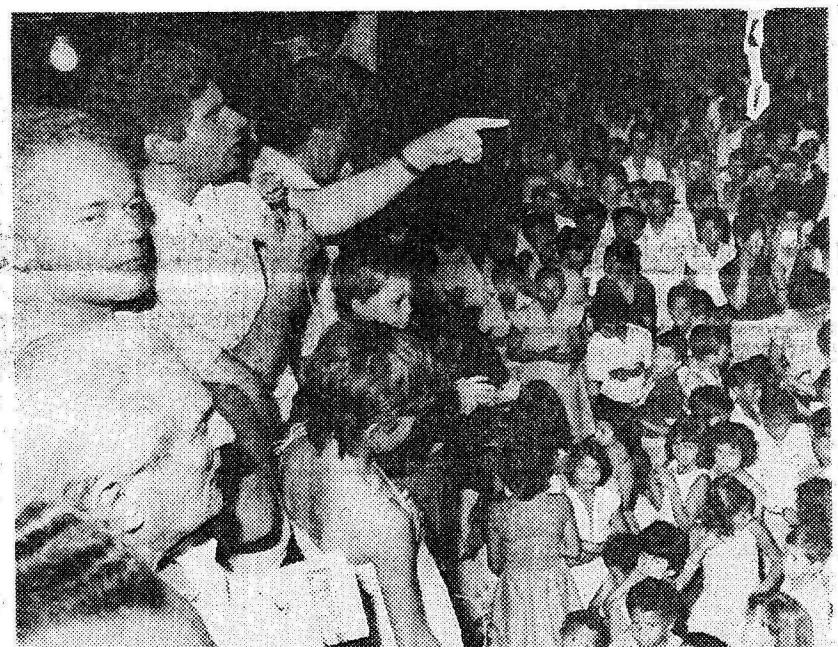
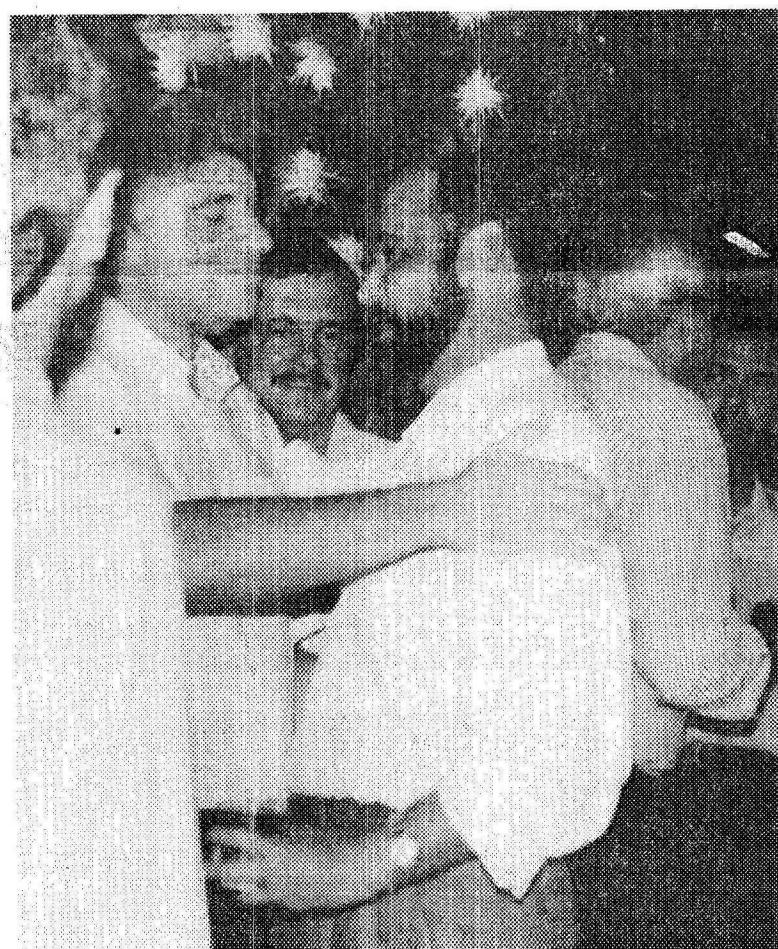


Pedro Vieira é apadrinhado do ex-casal Denilma e Geraldo Bulhões mas sua campanha enfrenta problemas

Fotos de Arquivo



MACEIÓ-Jamil Bittar



□ O senador Divaldo Suruagy (acima) é o candidato a governador que tem o maior percentual (80%) nas pesquisas de intenção de votos em todo o país. Em Alagoas, ele é tido como o rei da conciliação e consegue se relacionar tanto com ex-integrantes da corte de Fernando Collor — como o deputado Augusto Farias (embora à esquerda), irmão de PC — quanto com o senador Guilherme Palmeira (embora à direita), inimigo do ex-presidente

não nega que ficará com Fernando Henrique desde já. Quinta-feira estava às voltas com um problema colossal: Quêrcia e Fernando Henrique estavam de viagem marcada a Alagoas no dia 23. Seus aliados juram que, neste dia, Suruagy é capaz de ter um compromisso longe, bem longe dessa confusão.

Mas se engana quem conclui que a tendência à conciliação faz Su-

ruagy fugir de uma boa contenda. Ficou no limbo da política nacional durante oito anos, de 1986 a 94, por conta de uma briga fenomenal com Fernando Collor. Foi um dos únicos alagoanos a resistir à adesão. Mantiveu-se na oposição, fazia discursos e mais discursos no Senado antecipando que aquele governo não ia acabar bem e, hoje, colhe os frutos desta posição.

Eu sabia que não podia dar certo porque o Fernando não é de terminar nada", diz com a autoridade de quem patrocinou a entrada do filho do senador Arnon de Melo na política. Uma vez, pelo menos, Suruagy salvou Collor de grande enrascada. Em 79, o então prefeito de Maceió andava aprontando na cidade, desfilando a sociedade de Guilherme Palmeira, então governador, queria demitir o prefeito nomeado e Suruagy o impediu.

Mas, quando Collor resolveu, em 84, apoiar Maluf, e não Tancredo, a relação estriou para desandar de vez quando Collor derrotou Guilherme Palmeira, seu antigo benfeitor, na eleição para o governo de Alagoas em 86.

JORNAL DO BRASIL

DORA KRAMER

**M ACEIÓ** — Alagoas é, de fato, um lugar muito peculiar. De lá saiu o homem que proclamou a República no Brasil. Foi de lá também que surgiu o furacão que terminou sendo o primeiro presidente a sofrer processo de *impeachment* no país. E, agora, vem de lá novo senhor: Divaldo Suruagy, o campeão das pesquisas para governador, com 80% da preferência do eleitorado. Seu adversário, Pedro Vieira, amarga raquíticos 3%, mas ainda reúne

forças para prometer: "Vamos reverter esse quadro."

Às vésperas de ocupar pela terceira vez o Palácio dos Martírios, Suruagy faz uma rara concessão ao próprio ego: "Nunca perdi eleição, mas esta é a mais fácil que já enfrentei." A convicção combina também com a reação das pessoas à passagem do senador pelas ruas de Maceió, Branquinha ou União dos Palmares. É saudado como governador aonde vai e recebido como a grande esperança do alagoano, envergonhado pelos vexames de concorrentes poderosos. (Continua na pág. 8)